

RECONSTRUÇÃO E
DESENVOLVIMENTO*Raul Pilla*

EM seu recente discurso, o presidente da República equiparou a generosa ajuda dada pelos Estados Unidos à reconstrução dos povos europeus cruelmente devastados pela guerra, ao reclamado auxílio ao desenvolvimento dos países de economia ainda rudimentar.

Ninguém nega que de grande importância para o mundo, não só para este Continente, seria que todos os povos alcançassem um alto nível de vida. Tratando-se, porém, de países independentes, e não de colônias mais ou menos exploradas pelo estrangeiro, evidente se faz que o seu desejado desenvolvimento depende primariamente, senão exclusivamente, do seu próprio esforço e, sobretudo do seu bom governo. Não adianta que os exploradores estrangeiros sejam substituídos por exploradores nacionais, que consomem não só os recursos do país, mas também os provenientes da solidariedade alheia. O primeiro mandamento do verdadeiro nacionalismo, tratando-se de países independentes, a primeira condição do desenvolvimento, tratando-se de países pobres, senão de recursos naturais, pelo menos de riqueza atual, seria banir o colonialismo interno, representado por governos incapazes, desonestos, mais ou menos ditatoriais e parasitários.

Esta é a grande razão por que não se podem equiparar a reconstrução dos países devastados pela guerra, vítimas de um tremendo flagelo, e o desenvolvimento de povos, que, apesar de terem o direito de governar-se, ainda não aprenderam a fazê-lo.

A muitos hão-de parecer impatrióticas estas considerações, aplicadas às nações do Continente Americano. Sê-lo-ão para o patriotismo epidérmico, muito em voga atualmente; mas o que elas visam é despertar a consciência dos nossos deveres para conosco mesmos. O Brasil será sempre, qualquer que seja o auxílio estrangeiro, o que o fizerem os brasileiros. O que urge, portanto, é fazer uma grande revolução nos usos, nos costumes e nas instituições. Sem isto, ou não teremos, ou se baldará o desejado auxílio.